



**Yvonne Foerster** é filósofa e Doutora em Filosofia. Professora da Universidade Leuphana, Lueneburg (Alemanha), e pesquisadora do Instituto de Estudos Avançados para Ciências Culturais, da Universidade de Konstanz. Estuda filosofia de tecnologia, teorias de corporeidade e do tempo, estética, arte digital e teoria da moda.

Como citar esse texto: FOERSTER, Y. A carne: conceituando tempo e memória no mundo digital. Traduzido do inglês por Anja Pratschke. V!RUS, São Carlos, n. 15, 2017. [online] Disponível em: <[http://www.nomads.usp.br/virus/\\_virus15/?sec=4&item=1&lang=pt](http://www.nomads.usp.br/virus/_virus15/?sec=4&item=1&lang=pt)>. Acesso em: 12 Dez. 2017.

## Resumo

O artigo tem como objetivo desenvolver um relato de consciência do tempo que possa integrar a experiência incorporada e a materialidade em que está inserida. Seguindo Maurice Merleau-Ponty e seu conceito de carne do tempo, apresentarei uma alternativa às teorias idealista e materialista do tempo. Um conceito do tempo, que pode integrar as estruturas complexas das relações corporais e tecnológicas, pode explicar as mudanças de memória provocadas pela tecnologia. Passando passo a passo através de conceitos clássicos do tempo da tradição continental e analítica, vou mostrar como os conceitos mudam gradualmente de relatos puramente subjetivos ou idealistas (KANT, HUSSERL, MCTAGGART) para mais e mais contas materialistas (MELLOR, HANSEN, STIEGLER). Ainda os aspectos experienciais da cognição incorporada e da formação da memória desempenham nenhum papel central. Portanto, o conceito de Merleau-Ponty da carne do tempo será introduzido como um meio para entender a sensibilidade generalizada que vem com a tecnologia digital. Este conceito não substituirá uma conta diferenciada da consciência do tempo e da formação da memória. Pretende, em vez disso, superar o fosso entre a experiência humana e a base material (tecnológica). Assim, pode explicar as mudanças fundamentais na construção da memória à medida que a experimentamos na era digital.

**Palavras-chave:** Consciência do tempo, Formação da memória, Tecnologia, Corporificação, Ontologia do tempo

## 1 Introdução

A construção da memória depende da mídia que usamos, bem como das estruturas físicas e sociais do nosso mundo-vida. A memória evolui com o uso da tecnologia em um sentido amplo. O que lembramos e como lembramos disso, depende do entrelaçamento de experiência, materialidades e tecnologia. A narração de histórias influenciou como conceitualizamos o tempo e a memória: nos ensinou a imaginar possíveis mundos, lugares históricos e utopias do futuro. Escritura, imprensa e, mais recentemente, tecnologia digital formam como e o que lembramos. As conexões em nossos cérebros são literalmente diferentes dos de nossos avós quando se trata da forma como memorizamos as coisas, como sentimos o desejo de lembrar e como recuperamos as memórias da profundidade da nossa consciência.

Este artigo leva a questão um passo adiante e examina as teorias constitucionais da percepção do tempo e memória. O objetivo é identificar fatores constitucionais e encontrar maneiras de acomodá-los dentro de um quadro teórico. Vou dar um relato crítico de teorias que omitem a base material da formação da memória ou o papel da experiência. Ambos, como eu argumentarei, podem ser integrados e vou mostrar isso ao referir-se ao conceito da *carne* de Maurice Merleau-Ponty (1968).

Conceitos tradicionais do tempo e memória na tradição kantiana e analítica omitem o papel da experiência incorporada e da materialidade para a constituição de consciência do tempo. As abordagens atuais na filosofia da mídia tentam teorizar como a tecnologia configura percepção do tempo. Mark B.N. Hansen (2006) e Bernard Stiegler (1998) apresentam teorias exemplares que enfatizam a tecnologia de influência não consciente (tecnológica a priori) exerce sobre a percepção humana do tempo e da memória. Este artigo objetiva uma crítica de ambos, os conceitos tradicionais, bem como as abordagens que utilizam o a priori tecnológico, porque ambos falham a integrar a dimensão perceptual e experiencial da consciência do tempo e memória. Seguindo Merleau-Ponty, argumentarei que é necessário ter em conta a dimensão perceptual da consciência-tempo para explicar as mudanças nas formas em que a memória é constituída nos tempos da tecnologia digital.

## 2 Conceitos idealistas versus materialistas

A diferenciação conceitual amplamente utilizada das séries A e B do tempo remonta a J.M.E. McTaggart (1908). Ele distingue tempo como estruturado pelo passado, presente e futuro (série A), que compreende memória, percepção e antecipação como modos cognitivos, por um lado, e tempo estruturado pelas relações antes / depois (série B) do outro. McTaggart levou essas duas descrições estruturais do tempo como ontologicamente não a par e perguntou, qual deles deve ser considerado fundamental para a existência do tempo e, doravante, é ontologicamente primário. Ele defendeu uma primazia da série A (que enfatiza a percepção e a mudança do tempo) e argumentou que a Série B não pode ser responsável para mudança. As relações de antes / depois permanecem iguais, não importa de qual posição temporal se olha para elas. Se um evento está no futuro, está presente ou já se tornou passado, é um processo de mudança: as propriedades temporais de ser mudança passada, presente ou futura em relação à posição temporal do observador. McTaggart define mudança como o mudar de predicados de um evento: no início, o evento é futuro, então torna-se presente e eventualmente se tornará passado. Na série B, um evento ocupa uma posição em uma sucessão de todos os eventos que se aproximam antes ou depois. Esta posição nunca muda e, portanto, a mudança não pode ser contabilizada (os B-teóricos contemporâneos dizem o contrário). McTaggart conclui que a série A é fundamental para o tempo, porque apenas esta série pode explicar mudanças, o que é essencial para o tempo. Mas a mudança dos predicados temporais leva a uma contradição (MCTAGGART, 1908) e é por isso que tempo em última análise é irreal, o que significa que não existe fora da experiência humana.

Na tradição continental da teoria do tempo, a questão da experiência ou intuição do tempo é prevalente. A teoria kantiana trata, a priori, o tempo como uma forma de intuição necessária (KANT, 2009, p. 178-182), portanto, Kant concentra-se no sujeito como o fundamento ontológico decisivo. Com Kant, o tempo passou a ser tratado como uma questão de cognição. Antes, a maioria das teorias tratava o tempo junto a metafísica como uma questão de substância, ver Leibniz e Newton. Dentro da abordagem kantiana, o tempo é desmaterializado. Na definição do tempo por Kant como ideal transcendental, o tempo não está mais relacionado à matéria. Em vez disso, o tempo é tratado como uma intuição imediata sem correlação externa qualquer.

O fundador da teoria fenomenológica Edmund Husserl permaneceu nesta tradição, mas descreveu a experiência e a constituição do tempo dentro do assunto com muito mais detalhes. Diferente de Kant, ele analisa o processo constitucional do tempo dentro da consciência ao lado do conceito de intencionalidade. Ambos, Kant e a tradição fenomenológica husserliana tratam o tempo como subjetivo, como ideal transcendental. O tempo não pertence ao mundo material, não é uma propriedade das coisas nem uma substância por direito próprio. O tempo é uma forma de intuição, uma forma de conceber o mundo. Nesse sentido, o tempo é uma condição necessária da cognição - sem tempo ou duração, não haveria objetos a serem concebidos.

No que diz respeito à ontologia do tempo, McTaggart bem como Kant e Husserl concordam: o tempo como *experimentamos* não existe fora do sujeito conceitual. Não é nem uma propriedade de algo nem de uma substância. Isso significa que não há fatos passados, presentes ou futuros fora de nossas mentes e, portanto, a memória não tem base material. Essas dimensões do tempo são projetadas para o mundo pelas nossas mentes. A existência do tempo e da memória, portanto, está ligada à subjetividade. Na teoria de McTaggart, a memória não é um tópico, pois ele considera o tempo a partir de uma perspectiva puramente analítica. Kant e Husserl tomam a memória como um ato produtivo do sujeito cognitivo. Assim, a memória é conceitualmente próxima da fantasia: ambos os modos de consciência produzem seu objeto por um ato de imaginação. As diferenças de alta granularidade de imaginação produtiva são desenvolvidas no texto *O Imaginário* de Jean-Paul Sartre de 1940 (2010). Embora Sartre siga a tradição kantiana na idéia, que o tempo é um ideal transcendental, portanto, não existe além da consciência, ele famosamente defende a materialidade da memória e todas as outras formas de imaginação produtiva. Ele descreve como atos imaginativos dependem de uma base material (*analogon*) que desencadeia atos de reprodução de memória ou imagens mentais. Aqui, as percepções temporais estão ligadas a uma forma de materialidade e causalção.

Causalção é o conceito-chave dentro da Nova *B-Teoria do Tempo*. D. H. Mellor (1998), por exemplo, visa a base ontológica do tempo via causalidade. Mellor como proponente da Nova *B-Teoria do Tempo* concordou com o McTaggart apenas na medida em que ele também acha que o tempo como A-Series é irreal. Ele não conclui que, portanto, o tempo é irreal. Ele sugere que, mesmo que não haja fatos tensos no mundo, há tempo na forma de uma Série B. O fundamento ontológico do tempo é alcançado por causalidade. A relação antes / pós-relação de causa e efeito determina uma estrutura temporal de um mundo interior que explica a mudança como uma condição necessária de possibilidade de o tempo existir. A série B que é fundamental para o tempo no sentido de Mellor não é a ordem temporal dos eventos. Esta ordem temporal deve a sua temporalidade a uma relação anterior / posterior, ou seja, a de causa e efeito. Causalidade faz com que as coisas mudem com o tempo, ou então permaneçam as mesmas, porque mesmo a estase é causada: algo evita que algo mude. Mellor até traduz a teoria do tempo de Kant em uma teoria causal. Ele afirma que a ordem temporal de nossas percepções é causada: "Assim, a ordem do tempo que essas percepções me fazem perceber é corrigida por sua ordem causal [...]" (MELLOR, 2005, p. 631, tradução nossa). O movimento de Mellor desafia a ordem dos eventos temporais para uma estrutura física que governa não apenas o mundo material, mas também o mundo interior da percepção e do pensamento. Em suma: Mellor argumenta pela realidade do tempo e leva o tempo como baseado na causalidade. Causalidade é um conceito que, pelo menos em termos de Mellor, não é subjetivo. É a estrutura fundamental do mundo físico e as mentes fazem parte deste mundo físico, é por isso que Mellor leva as percepções dentro da mente também como causalmente relacionadas.

### 3 Tempo como processo material

Mark B.N. Hansen desenvolve um conceito do tempo que enfatiza a ideia de que o tempo não é apenas definido pela mudança, mas pode mudar-se (HANSEN, 2006, p. 209, 295) através de processos subliminares de materialidade temporal. Ele desenvolve sua conta do tempo diante da nova mídia arte e seu caráter performativo. Seguindo Merleau-Ponty Hansen enfoca o caráter incorporada da percepção e, portanto, da consciência do tempo. Ele se baseia na ideia de Merleau-Ponty do corpo vivo e do conceito de afeto.

A consciência do tempo e a experiência do tempo são questões centrais na fenomenologia. Para Husserl, é a forma fundamental da consciência porque todo objeto possível de consciência precisa ser dado no tempo. Mas o tempo em si nunca é dado como um objeto imediato. Para analisar a consciência do tempo, precisa, de acordo com Hansen e Bernard Stiegler (1998) um objeto temporal, que revela o funcionamento da consciência do tempo. O objeto temporal paradigmático de Husserl é uma melodia. A melodia é uma forma especial de objeto porque só aparece dentro do fluxo do tempo. O tempo pertence à sua forma de aparecimento. Na teoria de Husserl, é uma forma imediata de memória (retenção) que constitui objetos temporais.

O objeto temporal paradigmático para Stiegler é cinema / filme. Hansen desenvolve o seu conceito ao longo da linha da nova mídia arte, principalmente filme / vídeo. Como a consciência na fenomenologia é entendida como necessariamente intencional, ela é sempre direcionada para um objeto. Assim, a consciência do tempo só pode ser analisada em relação ao seu objeto, mas *todo* objeto é dado no tempo e, portanto, é um objeto temporal. Stiegler e Hansen enfatizam a temporalidade e classificam apenas uma certa variedade de objetos como objetos temporais, ou seja, esses objetos, que se prolongam no tempo sem nunca estar completamente presentes em um momento no tempo.

A questão central é: por que diferentes objetos temporais podem contar diferentes histórias sobre a consciência do tempo? Ou: como a mudança do tempo pode mudar com seus objetos temporais? Se isso fosse verdade, então a consciência do tempo é uma forma de cognição que muda historicamente. Hansen sustenta que não existe uma estrutura básica do tempo, o tempo só existe na forma de "miríades de temporalizações" (HANSEN, 2009, p. 297). O tempo nesta visão se manifesta ou se realiza em diferentes formas medianas. Uma forma paradigmática para a situação histórica atual é a *inscrição digital* (HANSEN, 2009, p. 297). A mídia digital constitui uma estrutura temporal que ultrapassa as habilidades perceptivas humanas de acordo com Hansen e altera maneiras humanas de perceber e lembrar o tempo.

Semelhante à abordagem de Mellor para definir a causalidade como a estrutura básica do tempo, Hansen leva a mídia como constitutiva da percepção temporal. A principal diferença entre as duas abordagens é que Mellor identifica uma estrutura abstrata que engloba tudo dentro do mundo físico. O conceito de mídia de Hansen é pluralista no sentido de que compreende toda a variedade de formas medianas, o que é consistente com sua convicção de que *não há tempo em si*. A razão pela qual Hansen enfatiza a pluralidade de mídia é que seus argumentos são direcionados contra a subjetividade do tempo. Não é a priori a estrutura de subjetividade kantiana em que o tempo se baseia, mas a estrutura temporal da mídia. A mídia é entendida como um meio material para induzir intervalos temporais que não são constituídos pelo sujeito. Essa ideia também pode ser encontrada na teoria de Stiegler: Ele sustenta que objetos temporais, como o filme, induzem memórias não vividas por meio da reprodução tecnológica que influencia e altera a percepção do tempo inconscientemente incorporada.

Hansen *combina a priori* a ideia de uma medial com uma compreensão fenomenológica da consciência do tempo em suas leituras de Merleau-Ponty e Husserl. No tempo objetivo de Husserl ou na origem do mundo interior da consciência do tempo não é explicitamente um sujeito da análise fenomenológica (HUSSERL, 1991, p. 10). Merleau-Ponty amplia o conceito em seu trabalho tardio *O Visível e o Invisível* e integra a corporeidade e semelhança do sujeito com o mundo dos objetos e das coisas na configuração fenomenológica. Hansen baseia-se nessa abordagem: suas considerações sobre o fundamento ontológico do tempo parecem não ter nenhuma relação substantiva com o seu conceito de experiência do tempo. Ele leva a consciência do tempo a ser uma consciência incorporada. Este é um ponto que ele enfatiza em sua interpretação de 2004 das obras de mídia de Douglas Gordon e Bill Viola. Aqui surge a questão: em quão longe a ideia de Hansen de consciência do tempo incorporada é compatível *a priori* com sua medial em seu ensaio de 2009 sobre o tempo técnico?

Vou descrever brevemente as duas premissas de Hansen e depois confrontá-las com a noção de Merleau-Ponty sobre a *carne do tempo*. Primeiro algumas palavras sobre a questão da corporificação: Hansen lê Gilles Deleuze em suas elaborações sobre a imagem do tempo no cinema como um teórico da descorporificação porque, na imagem do tempo, a lógica inerente à imagem não é a do corpo em movimento como na imagem em movimento. Ao separar a imagem da perspectiva envolvente do corpo em movimento, o tempo se torna o objeto da representação. O que o filme representa quando usa a técnica da imagem do tempo em vez da imagem do movimento é o tempo puro. Quando a câmera não é mais um substituto do corpo em movimento, suas imagens revelam algo que não corresponde ao mundo como um sujeito incorporado vê-lo. O que aparece é uma lógica do tempo que não é objeto, mas pode ser ainda representada por meio de mídia.

Stiegler segue esta direção deleuziana de descorporificação quando caracteriza a técnica como "busca da vida por outros meios que não a vida" (STIGLER, 1998, p. 17). Em suas obras posteriores, ele elabora sobre objetos temporais tecnicamente constituídos, a saber, filme, como meio de divulgar a estrutura temporal da consciência. Ele faz isso ao seguir as análises de Husserl sobre a consciência do tempo interior, que são guiadas pelo objeto temporal da melodia. Stiegler substitui a melodia por filme. O cinema é de acordo com Stiegler, o objeto temporal paradigmático que informa a nossa consciência do tempo. Assim como Husserl, ele enfatiza a retenção (como forma primordial de memória) como a base da consciência do tempo. Aqui, Hansen observa uma tendência à descorporificação: Stiegler combina a ênfase de Husserl na retenção com uma ideia *a priori* de uma medial. Ele apresenta um terceiro tipo de lembrança do passado além da retenção (que é o passado imediato que é mantido em mente no presente momento) e a memória (a reprodução ativa de eventos passados). Ambos são atos distintivos ou modos de consciência. O conceito de memória terciária não descreve um modo de consciência, mas o passado externamente armazenado. Este passado armazenado medial envolve imagens que não foram vividas pelo sujeito. Stiegler

propõe um "acoplamento estrutural entre tecnologia de mídia e consciência" (HANSEN, 2004, p. 597). A consciência do tempo, para colocá-la em termos extremamente simplificados, é estruturada por intervalos externos, é invadida por padrões e memórias temporais tecnicamente constituídos. Na teoria de Stiegler, esses padrões são essencialmente cinematográficos e baseados em estoques externos de memória.

Hansen critica essa abordagem ao esclarecer que Stiegler toma a consciência cinematograficamente informada como um "modelo universal de percepção" (HANSEN, 2004, p. 600), enquanto que para Husserl o objeto temporal da melodia figurava como um meio heurístico para descrever a consciência do tempo. Na ênfase de Stiegler na retenção - memória terciária induzida pelo filme -, Hansen detecta um movimento em direção à descorporificação, assim como em Deleuze. Hansen conclui que o impacto da memória terciária no processo seletivo de percepção negligencia a "história incorporada" dos sujeitos (HANSEN, 2004, p. 600), por causa do foco de Stiegler nas memórias não vividas (memórias externas ao assunto ou não pertencem a suas experiências) que são inseridas na mente do assunto pelo cinema. De acordo com Hansen, ele negligencia o papel crucial da percepção incorporada, que pré-seleciona as percepções incorporadas de acordo com seus próprios padrões e experiências.

A questão é como Hansen integra o corpo dentro de sua abordagem no tempo. Na leitura de Husserl e Merleau-Ponty, ele enfatiza a dimensão do futuro, a protensão e não a retenção. Em Husserl, o conceito de protensão não é detalhado. Protensão significa antecipação das percepções que ainda estão por vir. Essas antecipações são formadas com base na retenção, do que acaba de passar. Francisco Varela, que lê Husserl da perspectiva neurocientífica, propõe toda uma visão sobre a protensão: ele toma a protensão de ser fundamentalmente diferente da retenção. A protensão não é uma simples idéia do que vai acontecer logo por meio do que aconteceu agora. Em vez disso, a protensão figura como a dimensão do afeto. Hansen define o afeto ao se referir a Francisco Varela: "a correlação fenomenológica da dinâmica neural a partir da qual o presente surge e, portanto, é inseparável da dimensão protencional da consciência do tempo. [...] a protensão pretende o novo antes de qualquer impressão ou presente perceptivo" (HANSEN, 2004, p. 608).

Hansen usa o conceito de afeto para defender a consciência do tempo como incorporada. Ele toma isso como base para sua descrição da consciência do tempo. A dimensão protencional do afeto é central porque explica a abertura da percepção para o novo. A novidade neste conceito não é uma alteridade radical, mas uma alteridade que é disponibilizada pela cognição incorporada, sendo o sujeito um objeto visível no mundo de outros objetos. Em Merleau-Ponty assunto e objeto não são *a priori* categorias. Numa perspectiva genética, um processo experiencial. A união íntima (primordial) do sujeito e do mundo é a condição da possibilidade de novidade e relação afetiva. Hansen leva esse ser primordial ao mundo como base de uma contaminação da consciência do tempo por um "não vivido" que não é uma "recorrência de um passado terciário" (HANSEN, 2004, p. 610). Em vez disso, os hastes novos ou não vividos derivam da infraestrutura material da "espessura do presente pré-objetiva" (HANSEN, 2004, p. 611). Até este ponto, concordo com Hansen. Em sua interpretação da teoria de Merleau-Ponty, ele não considera o que o acoplamento do sujeito e do mundo faz à infraestrutura material. A abertura de uma perspectiva no mundo também afeta o mundo ou a infraestrutura material. Não só os objetos e, neste caso, os objetos temporais técnicos da mídia contaminam a consciência do tempo. A categoria do objeto em Merleau-Ponty emerge com o assunto. Esta dimensão teórica desapareceu na teoria de Hansen. Ele abre a estrutura do tempo-consciência para intervalos técnicos induzidos, mas não reflete o impacto de serem percebidos por um sujeito.

Por um lado, existe o problema de que Hansen usa a chamada B-Séries (antes / depois) para o fundamento ontológico da consciência do tempo estruturado (passado, presente, futuro) da Séries A: em suas elaborações na base medial, ele se refere a uma pré-estrutura mínima pré-induzida por temporalizações medianas. Aqui, ele usa as séries B a-subjetivas para explicar a experiência alterada do tempo, que está em si mesma estruturada por tempos e o presente subjetivo. Como essa estrutura mínima se transforma em uma espessura do presente do sujeito, continua a ser uma questão aberta. Este problema também ocorre na teoria de Mellor e ele também falta de dar uma explicação de como a percepção humana constitui os tempos do mínimo antes / depois da relação de sua entrada. Aqui, uma abordagem fenomenológica precisa ser integrada dentro das considerações ontológicas. Para a questão da constituição Hansen refere-se ao conceito de afeto de Francisco Varela (VARELA, 2005). O afeto, para ele é uma propriedade da percepção, que é a condição para a abertura para novas impressões (HANSEN, 2004, p. 609), sem ser ele preenchida por nenhuma impressão. O afeto não deve ser confundido com antecipação, o que em si é uma postura intencional informada por experiências do passado. O afeto na versão de Varela e Hansen tem como correlação neural a estrutura que é diferente da consciência do presente (HANSEN, 2004, p. 608) e, portanto, está envolvida na constituição da passagem do tempo. Isso torna a protensão a principal fonte de consciência do tempo, embora ainda não explique sua estrutura tensa.

Hansen não elabora como o surgimento da estrutura subjetiva, por sua vez, influência a estrutura material / medial do mundo perceptivo. Esta é uma questão muito complexa, uma vez que traz o problema da mídia. Em Hansen, vejo dois possíveis cenários em jogo: 1. A mídia se desenvolveu junto com a cognição humana e, portanto, a cognição humana, incluindo a experiência do tempo, sempre foi informada pela mídia. 2. A era da mídia digital impõe novas estruturas temporais que não são modeladas de acordo com as possibilidades da percepção humana, mas ainda informam e alteram nossa percepção e memória. Ambos os cenários estão presentes em suas considerações (Hansen, 2009, pp. 297). O ponto crucial em Hansen é que a tecnologia constitui uma estrutura temporal mínima que é independente da síntese intelectual, ele a chama de "síntese temporal puramente técnica" (HANSEN, 2009, p. 298). O tempo então é artificializado em vez de sintetizado por um agente cognitivo. A experiência do tempo se baseia nas estruturas pré-estabelecidas de acordo com Hansen.

Com a nova arte digital, o tempo se desprende da subjetividade no sentido de que essas formas de arte não artificializam o tempo de acordo com o paradigma humano. Hansen exemplifica sua idéia descrevendo a vídeo-instalação de Wolfgang Staehle Empire 24/7 (para uma descrição, veja HANSEN, 2009). Ele conclui que:

*Por meio de sua híbrida constitutiva (Império 24/7, YF) - sua capacidade de apresentar o que é (normalmente) não representável, para estetizar e mediar o que permanece além da estética e da mídia - Império 24/7 consegue capturar e expressar nossa passagem cultural para um novo*

*tipo de realidade temporal, em que a consciência do tempo humano foi marginalizada, ou talvez mais precisamente, em que o funcionamento da consciência do tempo e o funcionamento da inscrição técnica do tempo se separaram. Ao apresentar à consciência do espectador o que normalmente permanece abaixo do seu limiar perceptivo - a artefactualização técnica da estrutura mínima do tempo pré-pós - o trabalho de Staehle demonstra assim amplamente os processos de temporalização, incluindo os da temporalização humana, dependem das técnicas pós-midiáticas (HANSEN, 2009, p. 298).*

O termo *técnicas pós-midiáticas* significa que os objetos temporais técnicos se tornam substitutos da consciência do tempo humano, a temporalidade se torna *tecnicamente distribuída* (HANSEN, 2009, p. 298). Essencialmente, o que acontece aqui é o movimento de oposição à posição tradicional kantiana. Se Kant teria mudado o tempo dentro do sujeito e sua arquitetura cognitiva, Hansen faz o contrário: ele exclui o sujeito e projeta o tempo de volta para a estrutura material da tecnologia. Ele está falando do tempo técnico e não medial porque a mídia implica o sujeito como usuário, perceptor, agente. A razão pela qual Hansen enfatiza a arte digital é que ele vê um potencial de ampliar o acesso humano à estrutura material do mundo (Hansen, 2006, pág. 266). Nesta visão, o mundo técnico é concedido uma forma própria destacada da cognição humana. Certamente é verdade que a maioria das máquinas hoje tem uma forma de cognição inconsciente. Em muitos processos técnicos, a informação leva a uma reação diferenciada em dispositivos técnicos, se isto justifica o conceito de síntese técnica deve ser discutido em outros lugares.

A noção de Merleau-Ponty sobre a *carne do tempo* (*la chair du temps*, em francês, ver MERLEAU-PONTY, 1968, p. 148) visa superar exatamente essa tensão entre ontologia e fenomenologia do tempo. Como mostrei, o conceito de Hansen aborda a questão da ontologia do tempo (definindo-a como não substancial e dependente do material), bem como a experiência subjetiva do tempo e sua estrutura. Ambos os aspectos não estão realmente integrados dentro de uma abordagem teórica. A força da abordagem de Hansen reside na análise minuciosa da temporalidade na arte digital. Consequentemente, ele enfatiza a dimensão do futuro na experiência humana do tempo (elaborando o conceito de afeto). No lado do material, não parece nada além de uma estrutura temporal mínima de antes e depois realizada por dispositivos técnicos. Do lado do sujeito cognitivo existe a complexa estrutura do passado, presente e futuro. Como essas duas dimensões vão juntas, permanecem vagas. A noção de *carne* de Merleau-Ponty pode ajudar a conceituar essa lacuna.

A *carne* é um conceito derivado da experiência corporificada (Merleau-Ponty, 1968, p. 189). A carne orgânica medeia o toque e pode ser tocada - é o lugar onde o entrelaçamento de perceber e ser percebido encontram-se. Merleau-Ponty dá ao conceito da carne um significado mais amplo: falando sobre "o tecido da experiência" (MERLEAU-PONTY, 1968, p. 189) ele usa o termo para descrever a experiência e o mundo experiente como uma coerência. Na sua ontologia, a perspectiva do sujeito altera o mundo material. Com o perceptor, a dimensionalidade do mundo é diferente da de um mundo sem subjetividade. Ele caracteriza a dimensão de um mundo que contém a subjetividade como *profundidade* (MERLEAU-PONTY, 1968, p. 268) - o conceito de profundidade contém o invisível, o nada: isso só pode ser uma característica de um mundo que contém a subjetividade. A profundidade é a dimensão que implica invisibilidade, bem como abertura - o que Hansen (citando Varela e Merleau-Ponty) chama de *afeto* do lado do sujeito. O efeito também é uma estrutura vazia: se compreendemos a consciência como intencionalidade, o afeto é intencionalidade vazia. Ele visa abstratamente o novo sem tê-lo ainda pré-definido. Com o conceito da carne, Merleau-Ponty descreve a estrutura do perceptivo / percepção como pertencente a uma estrutura de perceptibilidade / visibilidade registrada dentro da materialidade do mundo.

O que Hansen descreve como técnicas ou mídia comporta necessariamente traços da cognição humana, a partir do qual ela se origina. Embora as estruturas técnicas tenham se desenvolvido em uma estrutura hiper-complexa que transcende a relação simples de usuário-dispositivo, existe uma correlação com a subjetividade em um sentido amplo. A tecnologia participa da mesma estrutura que compreende também a cognição humana. Não existe um intervalo ontológico entre o tempo das máquinas e nossa experiência temporal corporal (talvez deficiência). Se pensarmos no mundo material como uma estrutura permeada pela subjetividade, então a técnica traz vestígios dessa permeação. Derrubar uma perspectiva sobre o mundo abre a estrutura subjetiva. Nesse processo de abertura, a objetividade surge com a subjetividade. Ambas as categorias ontológicas estão entrelaçadas e sua constituição é um processo temporal que nunca cessa (para uma descrição desse processo, veja MERLEAU-PONTY, 1945).

Além de se opor ao tempo técnico e vivido, é necessário um conceito que compreenda ambos. Hansen fez um bom começo ao fazê-lo, ainda assim o fosso entre humanos e a máquina parece ser largo. Na minha opinião, um conceito filosófico do tempo precisa ser compatível com as teorias da cognição incorporada e integrada (como Andy Clark, Alva Noë e outros estão propondo). Especialmente, a noção de cognição incorporada em um meio ambiente e meio constituído por agentes cognitivos representa a versão contemporânea da noção de Merleau-Ponty da carne. Um conceito do tempo precisa integrar o entrelaçamento ou a influência mútua de estruturas subjetivas e objetivas e não reforçar sua oposição. Uma proposta seria ampliar o uso de Hansen do conceito de afeto e combiná-lo com o conceito Merleau-Pontiano da carne. Este conceito tem a vantagem de integrar os aspectos perceptivos e ontológicos do tempo. Além disso, o conceito de carne em relação à profundidade em Merleau-Ponty também pode acomodar a noção do passado terciário ou memória não vivida, como Stiegler o apresenta, porque o interlúdio material / perceptual da carne permite a memória como alojada no material.

#### **4 Conclusão**

O principal problema a abordar aqui foi como desenvolver um relato de consciência do tempo que possa integrar a experiência incorporada e a materialidade em que está inserida. Deste ponto de vista, a percepção do tempo e a formação da memória coincidem. Ambos são mediados por uma estrutura complexa de relações corporais e tecnológicas. Passando passo a passo através dos conceitos clássicos do tempo da tradição continental e analítica, mostrei como os conceitos mudaram gradualmente de puramente subjetivas (KANT, HUSSERL, MCTAGGART) para mais e mais materialistas (MELLOR, HANSEN, STIEGLER). Ainda assim, os aspectos experienciais da cognição incorporada e da formação da memória não desempenham nenhum papel central. Por isso, apresentei o conceito de Merleau-Ponty da *carne do tempo* como um meio para entender a sensibilidade generalizada que é introduzida pela tecnologia digital. Esse conceito não substitui um relato diferenciado da consciência do tempo e da

formação da memória quando Hansen o apresenta. Pretende, em vez disso, superar o fosso entre a experiência humana e a base material (tecnológica). Assim, pode explicar as mudanças fundamentais na construção da memória à medida que a experimentamos na era digital.

## Referências

- HANSEN, M. B. N. **The Time of Affect, or Bearing Witness to Life.** *Critical Inquiry*, v. 30, n. 3, p. 584–626, 2004.
- HANSEN, M. B. N. **New Philosophy for New Media.** Cambridge: MIT Press, 2006.
- HANSEN, M. B. N. Living (with) **Technical Time: From Media Surrogacy to Distributed Cognition.** *Theory, Culture & Society*, v. 26, p. 294–315, 2009.
- HUSSERL, E. **On the Phenomenology of the Consciousness of Internal Time (1893-1917)**, Collected works. Dordrecht: Kluwer Academic Publ, 1991.
- KANT, I. **Critique of Pure Reason.** 15th ed. The Cambridge Edition of the Works of Immanuel Kant. Cambridge: Cambridge University Press, 2009. 1a ed. 1781.
- MCTAGGART, J. E. **The Unreality of Time.** *Mind*, v. 17, p. 457-474, 1908.
- MELLOR, D. H. **Real Time II.** International library of philosophy. London/New York: Routledge, 1998.
- MELLOR, D. H. Time. In: JACKSON, F.; SMITH, M. (Eds.) **The Oxford Handbook of Contemporary Philosophy.** Oxford: Oxford University Press, 2005.
- MERLEAU-PONTY, M. **Phenomenology of Perception.** Abingdon/Oxon/New York: Routledge, 2012. 1a ed. 1945.
- MERLEAU-PONTY, M. **The Visible and the Invisible:** Followed by Working Notes. Northwestern University studies in phenomenology & existential philosophy. Evanston: Northwestern University Press, 1968. 1a ed. 1964.
- SARTRE, J.-P. **The Imaginary:** A Phenomenological Psychology of the Imagination. Abingdon: Routledge, 2010. 1a ed. 1940.
- STIEGLER, B. **Technics and Time I:** The Fault of the Epimetheus. Stanford: Stanford University Press, 1998.
- VARELA, F. J. At **the Source of Time: Valence and the Constitutional Dynamics of Affect:** The Question, the Background: How Affect Originally Shapes Time. *Journal of Consciousness Studies*, v. 12, n. 8-9, p. 61–81, 2005.